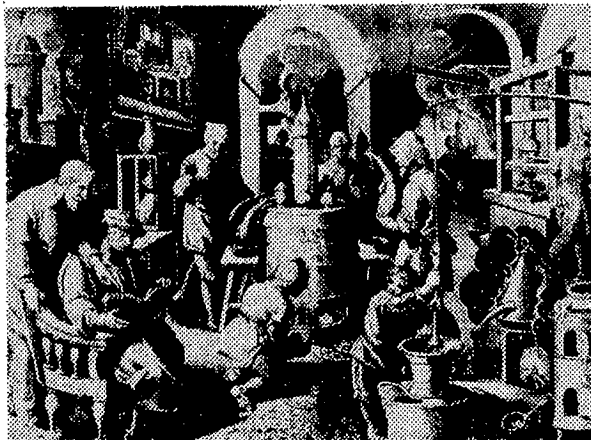


SAÚDE



C onhecido mundialmente pela "riqueza" de sua geopatologia, o Brasil é o único país da América Latina que produz remédio para atender a todas suas necessidades, mas o consumo "per capita" é inferior ao de vários países vizinhos.

Os nossos pesquisadores têm reclamações a fazer

Uma tropa de pára-quadistas esteve em exercícios na Amazônia durante apenas quatro dias, e quando voltou 33 por cento dos soldados tinham leishmaniose tegumentar, uma das piores endemias.

O Brasil é um vasto laboratório de doenças tropicais, devido em grande parte à imensidão do território, ao alto grau de insalubridade e aos fluxos migratórios internos. Isso lhe ensinou desenvolver um know-how inestimável no combate a "doenças tropicais" e na produção de vacinas. No Brasil foram descobertos a doença de Chagas e o transmissor da esquistossomose; técnicas nossas levaram à produção do soro antiofídico; e lideramos hoje a tecnologia farmacológica na América Latina. Mas nossos pesquisadores têm reclamações a fazer: poucos recursos financeiros, salários baixos e, sobretudo, ausência da garantia de que a pesquisa terá aplicação prática.

E' por isso que o Brasil, a despeito de ter descoberto várias doenças e de ter fornecido vacinas para que outros países as extinguissem, ainda não conseguiu erradicá-las aqui.

Além das chamadas doenças universais, o Brasil dispõe de um Trópico Umido (Amazônia) e de um Trópico Seco (Nordeste), com problemáticas extremamente diferentes. Enquanto na Amazônia as doenças peculiares são as transmitidas pelos mosquitos, como a malária, arboviroses e leishmanioses, o Nordeste apresenta outro tipo de patologia, com a esquistossomose, a peste, a desnutrição e a doença de Chagas. Já as peculiaridades do Sul do País são determina-

das em consequência de sua economia agropecuária, e as doenças mais comuns são as que resultam do contato do homem com os animais: brucelose, hidatidose.

Muitas doenças, comuns a vários continentes, apresentam no Brasil peculiaridades especiais, e o País pode ser encarado como um imenso campo experimental. Para aqui afluem pesquisadores de toda parte, e a Amazônia é tida e havida como um excelente "caldo de cultura", motivadora, portanto, como também o Nordeste e o Sul, da formação de tecnologia farmacológica. Se este não é o fator principal, certamente têm contribuído significativamente para a instalação, em índices crescentes, de filiais dos maiores laboratórios farmacêuticos, em território nacional.

Apesar de o faturamento da indústria farmacêutica ter crescido, nos últimos cinco anos, mais de 4 por cento que o de toda a indústria, o consumo per capita de medicamentos é de apenas 63 dólares, o que significa a metade do consumo da Venezuela, e menos ainda que Argentina, Colômbia e Peru. Deentre todos esses países, o Brasil é o único que produz medicamentos suficientes para atender à quase totalidade do consumo interno, mas continuamos importando pelo menos 60 por cento das nossas necessidades de matérias-primas.

COOPERAÇÃO

Especificamente no campo da Medicina Tropical, o Brasil tem procurado e obtido a coopera-

ção técnica e financeira de diversos países, seja diretamente, através de acordos bilaterais, seja por intermédio da Organização Mundial de Saúde. Nos Estados Unidos, colaboram com o Brasil o Massachusetts Institute of Technology, o National Institute of Health, o Center for Disease Control, o Walter Reed Research Unit e vários centros universitários. Na Venezuela, o Instituto Venezuelano de Investigação Científica. No Panamá, o Middle American Research Unit e o Instituto Gargas. Na Europa, os institutos de Medicina Tropical de Hamburgo, Liverpool, Londres e Lisboa; o Instituto de Virologia de Bratislava, na Tchecoslováquia; e os institutos de pesquisa das Academias de Ciências da União Soviética. Na África, o Instituto de Virologia de Lagos, na Nigéria; e o Hospital de Kampala, Uganda. Na Ásia, os institutos de Higiene, de Tóquio, e de Banco.

No Brasil numerosas instituições públicas e privadas dedicam-se à pesquisa no campo da Medicina Tropical, observando-se uma crescente atividade como consequência da instalação de novos centros de pesquisa, em grande parte ligados ao sistema universitário. Embora com a cooperação técnica e financeira de outros países e de organizações internacionais, a participação do Brasil nessas pesquisas sobe ao nível de 95 por cento. Registra-se, porém, uma grande perda de esforços e de verbas. Atualmente, não se sabe qual o volume de recursos financeiros brasileiros ou estrangeiros aplicados em pesquisas no Brasil, mas não é raro que dois ou mais pesquisadores consumam verbas e esforços, isoladamente, em torno de um mesmo traba-

lho. Os órgãos públicos não sabem o que fazem as universidades ou laboratórios particulares, e vice-versa.

Na grande maioria dos Estados brasileiros há instituições que se dedicam ao estudo e à pesquisa de aspectos das nossas "doenças tropicais". Em Belém, o Instituto Evandro Chagas desenvolve atividade prioritária no campo das doenças transmitidas por insetos; em Recife, o Instituto de Micologia é responsável pela pesquisa de novos antibióticos, e o Instituto Ageu Magalhães se dedica ao estudo da esquistossomose e da peste, enquanto a nutrição está a cargo do Instituto de Nutrição; em Salvador, a Fundação Gonçalo Muniz é especializada em doença de Chagas e esquistossomose, assim como o Centro de Pesquisas do Instituto Nacional de Endemias Rurais, "René Rachou", em Belo Horizonte.

No Rio, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz congrega a maior parte das pesquisas desenvolvidas pelo Ministério da Saúde e dispõe de vários institutos, como o de Virologia, Endemias Rurais e o Instituto Fernandes Filgueira. Em São Paulo, o Instituto Butantã se especializou na produção de soros antiofídicos e anti-peçonhentos, e o Instituto Adolfo Lutz funciona como laboratório de referência internacional para algumas doenças provocadas por vírus. Em Niterói, o Instituto Vital Brasil, além da produção de agentes profiláticos, dedica-se ao estudo da nosologia regional. No Rio Grande do Sul, o Instituto de Pesquisas Biológicas realiza estudos importantes sobre a brucelose, doença de Chagas, raiva e hidatidose.